

## WELLINGTON KALIL DE CAMPOS ALVES VENCEU O XX CONCURSO DE POESIA AGOSTINHO GOMES COM A POESIA “BARRAGEM”

No dia 25 de outubro de 2019, a Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, realizou a cerimónia de entrega de prémios do XX Concurso de Poesia Agostinho Gomes.

Wellington Kalil de Campos Alves, de Belo Horizonte - Brasil, venceu a edição de 2019 do concurso com o poema “Barragem”.

O segundo lugar distinguiu a poesia “Vencedores”, da autoria de Maurício Limeira dos Santos, do Rio de Janeiro - Brasil, e o terceiro lugar foi entregue a João Carlos Costa da Cruz, de Febres - Cantanhede, que concorreu com o poema “[A terra freme]”.

O concurso contempla também o prémio Revelação Juvenil que foi entregue a Rodrigo Miguel Nogueira Soares Penteado Mesquita, de Alcochete, com o poema “unificada melodia”.

A edição deste ano reuniu 554 poesias, inéditas e escritas em língua portuguesa, de participantes nacionais e estrangeiros. Ao longo destas 20 edições foram admitidos 6118 concorrentes e 8999 poesias.



Na abertura desta cerimónia procedeu-se à apresentação do livro 'Elogio à Poesia: Concurso Agostinho Gomes - 20 anos de poemas' que compila as poesias vencedoras de todas as edições.

Nesta noite de festa e poesia, Ana Deus e Luca Argel apresentam o espetáculo "Ruído Vário, Canções com Pessoa". As vozes de Ana e Luca transformaram e atualizaram o génio de Pessoa, passando por diversas das suas facetas, da solenidade trágica ao escárnio humorístico, sempre acompanhadas pela guitarra de Luca e por ruídos outros que ampliaram a atmosfera dos poemas.

Estiveram presentes nesta cerimónia, Maria Luísa Castro, nora do poeta que dá nome a este concurso, e em representação das entidades promotoras do concurso, a Vereadora da Câmara Municipal, Ana de Jesus, Susana Fonseca, em representação da Junta de Freguesia de Cucujães, Margarida Leite, pelo Núcleo de Atletismo de Cucujães (NAC) e Ana Filipa Pinho, na qualidade de representante do júri, que anunciaram os/as premiados/as.

Com a sua primeira edição no ano 2000, este concurso é uma iniciativa impulsionada pela Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis através da Biblioteca Municipal Ferreira de Castro, pela Junta de Freguesia de Cucujães e pelo NAC que tem como objetivo homenagear o poeta cucujanense Agostinho Gomes e, simultaneamente estimular a escrita de originais de poesia.

(Poesias premiadas em baixo)

**BARRAGEM**

A pegada ritual do meu aboio  
é o antigrito gritante  
estouro de barragem  
com cacoete de boiada  
a boiada de brumadinho e mariana  
o boom da boiada, o antibumba meu boi, o antiboi da terra  
onde boia meu coração/oração/ação  
lugar do desvencilhamento como a flor de lótus se desvencilha do húmus  
como as montanhas se desvencilham do chão

Atrás de barragem tem barragem, tem barragem  
diga-se de passagem, tem montanha, tem montanha, tem minas, tem mim  
eu sou a sílaba do caos aqui assinalada/inalada/alada  
cuja palavra/lavra dividida na ganga da eternidade amarronzada, muito marrom  
um marrom-escuro, quase escuro ou mesmo escuro  
por isso mesmo, por acaso, por causa disso e portanto  
declamo/clamo /amo e odeio na ínvia lama  
a dispoética lama da alma

Entanto uma boca *entra pra dentro* de um grito cheio de formigas  
na insônia analítica desta página engasgada  
onde a lama me procura todas as noites vivo ou morto  
script na garganta  
como se fosse cactos  
de onde bang bang

Título: **BARRAGEM**

Nome: **Wellington Kalil de Campos Alves**

Pseudónimo: **Conde Paladinho**

Local: **Brasil, Belo Horizonte**

**Vencedores**

Os poemas vencedores de concursos literários  
são escritos com mãos trêmulas,  
por bibliotecários alérgicos  
sentados em cadeiras sem estofamento.  
Nascem em pequenas e úmidas saletas,  
junto às escadas, no final dos corredores,  
em dias obrigatoriamente nublados.  
Versam sobre estações de trem  
e fios de cabelo agitados pelo vento,  
passos descalços na areia e a saudade  
de um país ou de um amor ou de uma porta  
que se fechou e partiu o tempo em dois.  
Você os vê, seus autores, tentando sorrir,  
nos saraus da associação.  
Carregam cestos nas costas  
numa aldeia, numa encruzilhada,  
numa manhã de chuva.  
Uma chuva que sussurra sugerindo  
o quanto não seria melhor para nós  
abdicar da razão.  
Os dias nascem e em seguida morrem.  
E há sempre um lugar inalcançável,  
uma parede repleta de nomes,  
e um prato de sopa entre as folhas brancas de papel.  
Há sempre (e neste sempre ocorre de fato  
um vislumbre de eternidade)  
um laço de parentesco entre o homem  
e as coisas com que convive.  
Um vínculo perene e não solicitado  
que deixa no ar um perfume próprio,  
e faz com que o visitante  
– raro, esporádico, imaginário –  
se imagine numa época estranha  
onde não se diz tudo,  
e nessas lacunas de silêncio  
a insatisfação se perpetua.  
Não, eles não podem atendê-lo no momento.  
Ocupados, costuram um longo manto de lã,  
sob o qual se colocam e se protegem.  
Mas, sob o manto, faz calor.  
Muito calor.  
Assim, os poetas vencedores de concursos literários  
estão sempre transpirando.

Título: **Vencedores**

Nome: **Maurício Limeira dos Santos**

Pseudônimo: **Tobias Menustinha**

Local: **Brasil, Rio de Janeiro**

(...) *Cai em gotas,  
das folhas  
a manhã deslumbrada*  
**CARLOS DE OLIVEIRA**

[A terra freme]

A terra freme  
farta de chuva. A água  
entrega-se  
à aspereza das correntes. Uivam  
douradas dunas  
na orgia do vento. Ao sul  
  
imaculados corpos  
dormem  
sobre descampados. À passagem  
de anjos  
entre vinhedos  
a água reflete o verde  
no rebordo das encostas. Arde ainda o dia  
na casa de adobo  
  
na cinza  
das palavras.

Título: **[A terra freme]**

Nome: **João Carlos Costa da Cruz**

Pseudónimo: **Rosa**

Local: **Cantanhede, Febres**

### **unificada melodia**

A sonolência que em mim se abate  
Em passeios eternos, viajo com o vento.  
Não tem mérito, nem tem arte  
Andar assim, andar isento  
Das agitações dos vivos.

Escolho, de entre os mais passivos,  
Ou melhor, não escolho,  
Momentos descomplicados  
(Escolher seria o meu fim)  
E por eles, deixo-me levar.

Oh, prazer imenso nos ruídos amontoados  
Que se encaixam em lugar  
E fazem o seu papel na unificada melodia  
Que se conjuga com a corrente,  
Para me esvaziar, e me submeter  
Ao incrível movimento automático.

Toma o vagar conta do meu ser,  
Levai-me para onde quereis,  
Sabeis o que fazer;  
Aqui estarei, muito quieto,  
Não quero despertar,  
A sonolência que há em mim.

Título: **unificada melodia**

Nome: **Rodrigo Miguel Nogueira Soares Penteado Mesquita**

Pseudónimo: **Edo Nogueira**

Local: **Alcochete**